

O Lápis e o Bisturi – Um encontro da ciência e da arte

Cláudio Mubarac



“Com o auxílio do desenho se tem a expressão máxima do pensamento humano através das mãos”

José Luiz Pistelli

Quando artistas como Leonardo da Vinci, Andrea Del Verrocchio, Michelangelo Buonarroti, Benvenuto Cellini, entre outros, expandiram seus conhecimentos e decifraram segredos da anatomia humana para a execução de suas obras, transformaram arte em ciência, abrindo o caminho para o futuro desenvolvimento artístico e científico.

O desenho anatômico é o ponto de confluência entre a ciência e a arte. A ciência na execução de seus protocolos, e a arte, na demonstração da arquitetura da natureza, constituem uma prática e uma unidade indissociável.

Nos séculos XV e XVI, artífices, artistas, médicos e anatomistas, através do desenho e da gravura, deram contribuições essenciais às então emergentes ciências naturais, instrumentalizando os desenhistas na construção de um corpo que busca a majestade do físico, numa espécie de resistência às classificações protocolares. O corpo e a anatomia passam a ser assunto central nas nascentes academias, escolas de medicina e arte em toda a Europa, constituindo-se num modelo recorrente, até meados do século XIX.

Mas, desde o Renascimento, a insistência na maestria sobre o desenho do vivo e do morto tinha como eixo a visão do corpo como um sistema funcional que não separa moção de emoção, movimento de deslocamento; como se pudéssemos concluir, através dessas caudalosas aferições, que sobre o corpo somos todos videntes obsessivos e fisionomistas instintivos.

A visão dos internos do corpo só recentemente pôde dar-se sem a utilização de métodos violentos e invasivos. Antes, as figuras ocultas, intestinas, constituíam um conjunto secreto de obras. Além da comunidade médica e científica, somente alguns artistas e intelectuais tinham acesso aos manuais anatômicos. A visão do corpo anatomizado não era informação de fácil acesso.

Hoje, a TV, a internet, as publicações de toda ordem, invadem nossas casas com cenas cirúrgicas, de corpos dilacerados por acidentes, guerras, crimes, e há uma normalidade um tanto assustadora nessas exposições, em seu despudor, em sua aparente normalidade.

O desenho do corpo nos convida a experimentar, como móvel da ação, como prática efetiva, como atividade especulativa, pelo sabor da linha e a aventurado traçado, o corpo do desenho.